



A Comunicação e a Salvaguarda de Acervos audiovisuais em um ambiente cultural: o caso do Museu Antropológico da UFG¹

Marisa Damas VIEIRA²
Karoline Gouveia LOPES³
Matheus Henrique Ribeiro FREIRE⁴
Welbia Carla DIAS⁵

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

Resumo

O trabalho aborda as ações comunicativas desenvolvidas pelo Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás (MA/UFG), um ambiente cultural interdisciplinar por excelência. Destaca alguns aspectos da comunicação desenvolvida em um espaço universitário e antropológico, com foco principal nos procedimentos utilizados no processo de documentação, organização e conservação do acervo audiovisual do MA, composto por material em vídeo, áudio e foto, com suportes originais de mídia em VHS, CD, DVD, Vinil e K7. Essas ações, integradas às várias outras atividades do Museu e impulsionadas pelo Projeto *Informatização e Ambientação Sonora da Exposição Lavras e Louvres* (Edital IPHAN), ressaltam as preocupações de uma comunicação voltada para as questões culturais, para a preservação da memória e para as possibilidades informativas e pedagógicas de um acervo especializado.

Palavras-chave

Museu; cultura; comunicação; acervo audiovisual

Introdução

O Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás (MA-UFG) iniciou suas atividades em 05 de setembro de 1970. Foi criado a partir da iniciativa de professores do então Departamento de Antropologia e Sociologia (DAS) da UFG após a

¹Trabalho apresentado no DT 6 – Interfaces Comunicacionais do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-oeste, realizado de 27 a 29 de maio de 2010.

²Graduada em Comunicação Social – Radialismo (FACOMB-UFG), Especialista e Mestre em Música na linha de pesquisa Música, Cultura e Sociedade (EMAC-UFG). Produtora Cultural do Museu Antropológico da UFG.

³Licenciada em Geografia e graduanda no Bacharelado em Planejamento Urbano e Regional (IESA-UFG). Estagiária do Setor de Comunicação e Documentação Audiovisual do Museu Antropológico

⁴Graduando em Geografia (IESA-UFG) – Estagiário do Setor de Comunicação e Documentação Audiovisual do Museu Antropológico.

⁵Graduada em Comunicação Social – Relações Públicas (FACOMB-UFG). Estagiária do Setor de Comunicação e Documentação Audiovisual do Museu Antropológico.



realização de uma pesquisa no Parque Indígena do Xingu, entre eles, seu principal idealizador, o Professor Acary Passos de Oliveira (fundador e primeiro diretor do MA). Órgão suplementar vinculado a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da UFG o Museu Antropológico tem seu acervo composto por coleções de natureza etnográfica, arqueológica e documental; resultado das coletas e pesquisas realizadas no decorrer desses quase quarenta anos.

Desde sua fundação, o MA-UFG tem oferecido ao público a possibilidade de universalização do conhecimento cultural acerca das comunidades locais e de sua diversidade. Com esse fim, vem implementando em seu cotidiano atividades e eventos que possibilitam uma maior interação com a sociedade. Sob essa perspectiva, pode-se afirmar que as ações voltadas para a comunicação sempre ocorreram dentro do Museu, principalmente aquelas voltadas para a divulgação e difusão das atividades desenvolvidas, tanto no que se refere aos contatos com a imprensa (TVs, Rádios, Jornais) quanto no tocante às publicações (Revista do Museu, Boletins Informativos, criação de *Home Page*, entre outros). Porém, ainda não havia uma preocupação efetiva com um processo comunicativo mais abrangente, como demandam as próprias tendências e reflexões atuais da teoria da comunicação e, ao mesmo tempo, mais específico, visando atender às reais necessidades da área da museologia.

Essas modificações estão ocorrendo gradativamente, à medida que profissionais e estagiários com formação em comunicação e áreas afins passam a assumir essas atribuições dentro do Museu e, paralelamente, em consonância com as próprias rediscussões voltadas para a comunicação em museus, bastante fomentadas nos últimos anos pelos profissionais da museologia. Como resultado, dentro do Museu Antropológico a área de comunicação passa a adquirir uma nova feição, com impulso para a criação e estruturação de um setor especializado, voltado para as necessidades comunicativas do órgão, conforme abordaremos neste documento e, mais especificamente, no item 2.



1. A Integração entre Cultura e Comunicação no Museu Antropológico

O Museu Antropológico inaugurou em dezembro de 2006 uma nova exposição de longa duração intitulada *Lavras e Louvores*, a qual foi pensada para estimular a discussão sobre a região Centro-Oeste, da perspectiva de sua construção simbólica, possibilitando a reflexão sobre identidades culturais, especialmente as identidades regionais. Tendo em vista que as exposições são, para um museu, um dos grandes recursos comunicativos, *Lavras e Louvores*, com sua nova concepção teórica e sua abordagem diferenciada, tornou mais evidente a necessidade de incrementar ações direcionadas para os diferentes públicos, externos e/ou internos, com linguagens, metodologias e estratégias adequadas que contribuam para sua ampliação.

É importante ressaltar que, diante de seu potencial, o MA ainda não atingiu sequer a própria comunidade universitária, como poderia e como idealizou. No quadro abaixo é possível visualizar o perfil dos públicos que frequentam atualmente o Museu Antropológico:

Públicos que frequentam o Museu Antropológico
• Público escolar de Goiânia e dos Municípios Goianos (ensino fundamental – 1ª e 2ª fase, ensino médio, educação de jovens e adultos);
• Ensino superior das Universidades Públicas e Privadas de Goiânia e do Estado de Goiás;
• Grupos organizados e âmbitos específicos (Associações, ONGs, Casas de Cultura, etc.);
• Pessoas que circulam no condomínio em que se localiza o Museu e no âmbito da Praça Universitária;
• Turistas e pesquisadores de localidades diferenciadas;
• População goianiense em geral (frequentadores de bares, shoppings, teatros, cinemas, etc.);
• Docentes, técnico-administrativos e alunos da UFG;
• Internautas (por meio da Home Page do Museu).

O Museu assume sua responsabilidade pública e social prestando apoio a pesquisadores e a outras instituições e desenvolvendo pesquisas científicas, realizando projetos de ação educativa para as redes pública e particular de ensino, propiciando o acesso gratuito dos diferentes públicos às suas exposições, bem como aos acervos audiovisual e bibliográfico. Mas, a partir de *Lavras e Louvores*, a necessidade de desenvolver ações sistemáticas voltadas para a ação cultural, educativa e de



comunicação tornou-se ainda mais latente, visando a discussão das temáticas em foco na Exposição e a criação de uma sensibilidade voltada para as questões patrimoniais e culturais.

As ações culturais do MA tem se tornado um forte instrumento de educação pública, de pesquisas científicas, de vetor e/ou produtor de ações públicas, culturais e de informação/comunicação que contribuem para o desenvolvimento da comunidade e da sociedade como um todo, buscando incluir os diferentes segmentos da população de Goiânia. Para atender a essa demanda, o Museu concorreu em 2007 ao Edital do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) para a Modernização de Museus e foi um dos contemplados com financiamento para desenvolver o projeto *Informatização e Ambientação Sonora da Exposição Lavras e Louvores*.

O principal objetivo do projeto é diversificar os processos comunicativos com o público visitante (presencial e virtual), visando ampliar as possibilidades de leitura da Exposição, subsidiar as ações decorrentes dos projetos educativos, criar mecanismos de inclusão de distintos públicos por meio de recursos auditivos (deficientes visuais, por exemplo) e propiciar reflexões acerca da diversidade cultural e das diferentes sonoridades associadas a rituais religiosos e festivos da região Centro-Oeste. Essas ações estão sendo viabilizadas através da sonorização de objetos rituais musicais e da implantação de recursos informatizados na Exposição, com a instalação de terminais que possibilitem o acesso às informações sonoras, visuais e textuais referentes ao acervo exposto.

Mas um projeto desse porte e com metas a curto, médio e longo prazo, demanda que outras atividades sejam desenvolvidas a fim de propiciar todos os recursos necessários a essa implementação. É quando setores diferenciados do Museu interagem, visando a realização das ações pertinentes a cada profissional, voltadas para o cumprimento dos objetivos comuns.

Nesse processo, atividades inicialmente básicas se desdobram em outras mais complexas e desencadeiam demandas diferenciadas. No que se refere ao Setor de



Documentação Museológica, por exemplo, a catalogação do acervo exposto demandou que fosse criada uma equipe especializada para revisão de sua documentação e que fosse contratada uma empresa para o desenvolvimento de software destinado à digitalização de todas as coleções. Essa mesma empresa, também necessitou discutir com o Setor de Comunicação as melhores alternativas para disponibilizar as informações digitalizadas ao público, bem como o *design* mais adequado e as prioridades a serem contempladas nas telas dos terminais de auto-atendimento.

Por sua vez, o Setor de Comunicação necessitou rediscutir com os profissionais do Centro de Gestão do Espaço Físico na UFG (CEGEF) a adequação arquitetônica dos espaços para a instalação dos equipamentos. Ao mesmo tempo, realizava os procedimentos de pesquisa, levantamento, seleção e edição dos sons e imagens que serão utilizados no processo de sonorização dos ambientes quando todo o equipamento estiver instalado. A partir dessa atividade, foram identificadas necessidades prementes:

- A organização, documentação, digitalização e adoção de medidas de conservação, limpeza e acondicionamento adequados do acervo audiovisual;
- A complementação das imagens e sons referentes ao acervo da Exposição não contemplados no acervo audiovisual já existente.

Em ambos os casos, foi preciso adotar algumas medidas, sobre as quais discorreremos no item 3 e na conclusão deste trabalho.

Trata-se, portanto, de um projeto que está em constante desenvolvimento e atualização. Os procedimentos acima descritos deverão, ainda, propiciar a dinamização da *Home Page* do Museu, ampliando e diversificando as informações disponibilizadas em rede, bem como viabilizar a elaboração e implementação de novos projetos educativo-culturais, utilizando os recursos multimídia como mais um instrumento pedagógico. Diante desse panorama, as infinitas possibilidades comunicativas ficaram ainda mais em evidência no MA e foram detectadas novas necessidades até então não observadas.



2. O Setor de Comunicação do MA: desafios e perspectivas

Atualmente em fase de estruturação como um espaço específico do Museu, o Setor de Comunicação e Documentação Audiovisual foi se constituindo a partir das necessidades cotidianas detectadas e, principalmente, a partir das ações propostas pelo projeto *Informatização e Ambientação Sonora da Exposição Lavras e Louvores*. Porém, as reflexões teóricas que permeiam a área da comunicação e a área específica da comunicação em museus foram fontes fundamentais para que o Setor adquirisse a configuração que possui hoje.

A comunicação como uma prática interdisciplinar, social e coletiva e a constatação de que o uso dos meios de comunicação se constitui em um fator de socialização são algumas de nossas referências⁶. Também nos pautamos pela compreensão de que as formas simbólicas, que estão intrinsecamente ligadas tanto aos estudos antropológicos quanto aos estudos da comunicação, são o principal fio condutor das nossas reflexões e consequentes ações.

A existência de um acervo etnográfico, constituído pelos objetos e pelas “histórias” que eles trazem consigo a partir de seus contextos de origem, assim como a existência de um acervo audiovisual que também nos traz todas essas informações, mas a partir de ângulos diferenciados, nos fazem trilhar por um caminho de experimentações e descoberta de possibilidades. É assim que compreendemos o Setor de Comunicação e Documentação Audiovisual dentro do Museu Antropológico; como um local que pode incentivar e diversificar os processos comunicativos e culturais com o público. Um ambiente que se permite (e lhe é dada essa possibilidade) transitar pelas várias outras ciências e disciplinas que interagem neste espaço cultural, buscando em todas elas as especificidades do processo comunicativo.

Hoje, a possibilidade de contar com uma equipe multidisciplinar (mesmo que pequena, diante de nossas necessidades e quantidade de atividades) é algo

⁶ MARTINO, Luiz C. **Interdisciplinaridade e Objeto de Estudo da Comunicação** in Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2001. 4ª Edição.



extremamente positivo, pois são vários olhares voltados para uma mesma direção. O fortalecimento das discussões sobre comunicação, cultura, museus, antropologia e suas várias vertentes, se evidenciam e nos levam a pensar em grupos de estudos voltados para comunicação em museus e a participar de eventos como este, a fim de socializar nossas experiências e intercambiar informações. Há, ainda, o fato de que as vinculações do Museu com outras unidades acadêmicas, órgãos e/ou programas reforça a importância desse diálogo para a construção do conhecimento.

As atividades do Setor de Comunicação estão voltadas também para a busca de uma maior visibilidade do Museu Antropológico, principalmente para a comunidade universitária. Mas para que isso ocorra é preciso uma estruturação adequada no tocante a espaços físicos, equipamentos atualizados, constituição de um quadro de pessoal apto e, fundamentalmente, uma política de comunicação bem definida, com ações planejadas. Várias iniciativas simultâneas estão sendo desenvolvidas, tanto para a busca de recursos e de capacitação da equipe, quanto para propiciar o mínimo necessário ao desenvolvimento das atividades futuras, de acordo com as demandas que surgirem.

Entre as atividades em andamento no Setor estão as ações cotidianas de divulgação, de produção de impressos e de contatos com a imprensa, a organização dos eventos e as atividades de comunicação inerentes a estes (com atenção especial para as comemorações de 40 anos do Museu Antropológico, no próximo mês de setembro), a atualização textual da *Home Page*, a documentação fotográfica da exposição *Lavras e Louvres*, a constante orientação dos estagiários, a recente interação com as agências de Relações Públicas (Simetria) e de Publicidade e Propaganda (Inova) da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia, a produção de material audiovisual (como o vídeo institucional do MA), entre outras.

Porém, a continuidade dos procedimentos de organização do acervo audiovisual é prioridade para a equipe e para o Museu. Representa uma etapa importante da estruturação do Setor e favorece a aquisição de novas coleções, principalmente por meio de doações de pesquisadores, que tem acompanhado esse processo e vislumbram nesse



ambiente especializado a possibilidade de incorporação dos acervos resultantes de suas pesquisas.

3. O Acervo Audiovisual sob Salvaguarda do Museu

O Museu Antropológico possui um acervo audiovisual que foi se constituindo ao longo dos anos a partir de doações, compras, permutas, resultados de pesquisas, documentação de eventos e pesquisas, entre outros. Trata-se de um material diversificado, em diferentes suportes de registro – fotos p&b e coloridas (em negativos e em papel), slides, fotos digitais, fitas de vídeo (editadas e brutas), fitas cassete, LPs, CDs, DVDs, CD-Rom – os quais, em sua maioria, tem como foco aspectos relacionados às questões culturais.

Grande parte desse material de registro é resultado das pesquisas desenvolvidas no âmbito de atuação do Museu nas áreas diversas da Antropologia e áreas afins. São imagens e sons advindos de pesquisas etnográficas, arqueológicas, etnológicas, etnolinguísticas; enfim, dos diferentes tipos de investigação, desenvolvidas pelos pesquisadores vinculados ao Museu, principalmente na região Centro-Oeste. Esse acervo abrange o registro de manifestações da cultura popular, manifestações e cotidianos dos povos indígenas, pesquisas de campo na área de arqueologia, peças e coleções do acervo, eventos realizados e atividades decorrentes das pesquisas, etc.

Entretanto, na medida em que esses registros foram acontecendo, as dificuldades para sistematizá-los e organizá-los se ampliaram, visto que, apesar de previstos no Regimento e no Organograma do Museu, os setores de *Conservação Fotográfica e Comunicação e Divulgação* nunca contaram com toda a infraestrutura necessária ao seu funcionamento adequado. Em decorrência disso, o material audiovisual sob guarda do Museu ficou, por um longo período, distribuído em espaços e setores diversos, em alguns casos sem a devida organização e sem o tratamento criterioso que lhe é necessário (acondicionamento, conservação, critérios de uso, etc).



Há, ainda, uma diversidade de materiais decorrentes de pesquisas de campo, obtidos no âmbito de pesquisas de pós-graduação e pesquisas institucionais com financiamentos e convênios diferenciados. Esses produtos estão sob responsabilidade de seus respectivos pesquisadores que, por falta de um setor estruturado no Museu, ainda não puderam disponibilizá-los, conforme muitos já se pronunciaram e manifestaram interesse.

Diante dessas constatações, em 2006 foi iniciado o trabalho de organização desse material, que foi impulsionado ainda mais em 2007 após a aprovação do *Projeto Informatização e Ambientação Sonora da Exposição Lavras e Louvres*. A maior parte das mídias se encontrava em um armário de madeira e as fotos digitais em computadores de uso comum na Coordenação de Intercâmbio Cultural do Museu (CIC - MA) e havia um catálogo de vídeos, contemplando apenas as fitas em VHS, as quais possuíam capas com sinopses e ficha técnica.

Para viabilizar o processo, utilizando os procedimentos adequados, buscamos o apoio de profissionais do Museu da Imagem e do Som de Goiás, uma referência neste tipo de acervo. Repassamos a eles as nossas necessidades e os objetivos a serem alcançados com a digitalização e organização do material. O primeiro passo sugerido e implementado foi a elaboração de uma ficha de catalogação a partir dos modelos disponibilizados pelo MIS (referentes ao acervo do MIS e de outros Museus). O objetivo era ter uma única ficha que atendesse todos os tipos de audiovisuais e, para isso, adequamos os modelos propostos às nossas especificidades, mas sem fugir das discussões atuais em Museus.

Para a catalogação priorizamos as fitas VHS, tendo em vista serem as mais utilizadas pela CIC⁷ e necessitarem de ações emergenciais de conservação, pois algumas já se encontravam comprometidas. Novamente tivemos a orientação do MIS, desta vez com um intuito específico: a conservação do acervo. Foram iniciadas discussões sobre o acondicionamento em armários adequados para este fim, e a necessária organização de

⁷ O Setor Educativo-Cultural da CIC utiliza o material audiovisual nas ações educativas e culturais, principalmente no constante atendimento a professores e alunos do ensino fundamental e médio, que são hoje o maior público do Museu Antropológico. Os professores tem nesse material um forte apoio pedagógico às temáticas que pretendem abordar com seus alunos no Museu.



uma reserva técnica específica para o audiovisual, com condições de umidade e temperatura adequadas; também fomos orientados a fazer a limpeza periódica das mídias.

Com essas novas informações iniciamos discussões internas juntamente com a direção do MA, apresentando as novas demandas em relação ao acervo e ao espaço físico adequado para o material. Neste período já estava se discutindo a estruturação do Setor de Comunicação e Documentação Audiovisual, que em 2008 deixou de ocupar a sala junto à CIC e passou para um novo espaço, no primeiro andar do MA, onde está instalado atualmente. Porém, essa mudança ainda não é definitiva, visto ser necessário concluir a montagem do estúdio fotográfico, da reserva técnica audiovisual e do estúdio de gravação e edição de imagens, as quais estão localizadas no térreo. Para maior praticidade, visando otimizar as ações, todos esses ambientes deverão estar próximos um do outro.

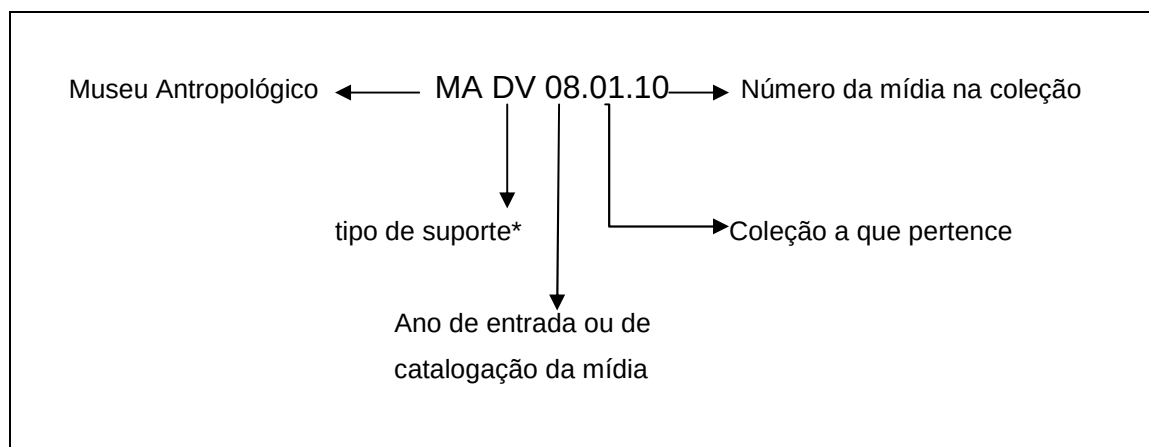
Neste novo espaço no primeiro andar e com a chegada dos equipamentos adquiridos no projeto Informatização, foi possível começar a digitalização do acervo. Para tanto, contamos hoje com um aparelho videocassete para VHS, uma gravadora de mesa, uma TV de LCD, aparelhos de DVD e computadores com *softwares* para edição de vídeos e tratamento de imagens. A digitalização propiciou substituir gradativamente as mídias originais por cópias de segurança e o acondicionamento do material original de maneira adequada, com o intuito de preservar a mídia original.

O processo de limpeza e digitalização das fitas em VHS foi uma aprendizagem para a equipe do setor, que cotidianamente buscava informações visando adotar os métodos mais seguros para a realização deste trabalho. Paralelamente, estagiários de *design gráfico* propuseram novas capas para as mídias e novo formato para o catálogo, que agora passaria a ser de todos os audiovisuais e não só dos vídeos em VHS.

Também foram elaboradas novas sinopses para o material ainda não assistido, principalmente aquele adquirido nos últimos quatro anos. Nesse período, as capas foram padronizadas, formatadas, finalizadas e impressas gradativamente.



A partir da digitalização do acervo e da busca de formas de preservação do material original, foi necessário discutir a forma de documentá-lo. Adotamos um livro tomo para relacionar e identificar todas as peças do acervo e buscamos introduzir um número de registro para cada qual, seguindo as normas adotadas para as outras tipologias de acervo do MA. Para tal, foi preciso iniciar uma nova pesquisa, buscando informações do processo de registro e tombamento de peças do acervo do MA, bem como de outros Museus que já haviam estruturado o seu acervo audiovisual, para termos um parâmetro e assim podermos pensar as especificidades do nosso material audiovisual. O sistema de numeração utilizado nas coleções dos acervos do MA é o tripartite, o qual foi também adotado para o acervo audiovisual:



*Convenção adotada como sigla para o tipo de suporte explicada no quadro abaixo.

MA é a sigla do Museu Antropológico. Identifica a qual instituição pertence aquela mídia. Na numeração adotada por outros acervos do MA, o item DV diz respeito ao tipo de matéria-prima utilizada na confecção da peça. Para o audiovisual este dado foi substituído pelo tipo de suporte original daquela mídia. Adotamos a seguinte convenção para cada tipo de suporte:

Tipo de suporte	Convenção
Fita em VHS	VHS
DVD	DV
CD-ROM	CR
CD de Áudio	CA
Vinil	VL
Vinil compacto	VC



Neste sistema de numeração, o primeiro algarismo refere-se ao ano de entrada da peça no MA, porém, a maioria do acervo audiovisual não possuía registro nem dados de entrada até o início de sua organização em 2007. Frente a este problema, a equipe resolveu em reunião que nestas mídias seria considerada a data de catalogação da peça; ou seja, todo o acervo que não possuía dados até então, recebeu o ano de 2007 como o ano de entrada, a data de sua catalogação. As mídias que chegaram após este período seguem as mesmas regras de todo o acervo do MA, que é a data de entrada da peça.

Resolvido este impasse, começamos a discutir o segundo número do sistema tripartite, que é o número da coleção dentro do acervo. No que se refere aos audiovisuais possuíamos até aquele momento apenas mídias adquiridas pelo próprio Museu ou doadas individualmente por pessoas e instituições. Porém, a partir desse processo de organização, teremos sempre a possibilidade de que pesquisadores e/ou outras instituições queiram doar seus resultados de pesquisa ou acervos audiovisuais para o MA, como ocorreu com o acervo do grupo Transas do Corpo⁸. É neste sentido que foram pensadas as coleções. Toda peça adquirida pelo MA ou doada individualmente para o Museu comporá a coleção 01 do acervo e as doações que chegarem de fundos específicos serão enumeradas na sequência. No caso do acervo Transas do Corpo, por exemplo, que brevemente será organizada e incorporada ao acervo audiovisual, constará como coleção 02.

Por fim, o terceiro número adotado no sistema tripartite refere-se ao número da peça dentro da coleção a que ela pertence, sendo reiniciado em cada nova coleção que compõe o acervo. Ou seja, se a coleção 02 contém 20 itens, estes serão enumerados de 01 a 20. Se a coleção 03 contém 50 itens, eles serão enumerados de 01 a 50, e assim por diante.

As fitas VHS, em um total de 89, são uma especificidade neste acervo, pois após a digitalização passamos a ter o mesmo título em dois tipos de suporte (o original em VHS e a cópia digitalizada em DVD). Tendo em vista que as fitas VHS não seriam mais disponibilizadas ao público (por ser a mídia original), optamos por inserir esses 89

⁸ Após a desativação de sua sede o Grupo concedeu a cessão de uso de todo o seu acervo bibliográfico e audiovisual para o MA, bem como o mobiliário bibliográfico. Posteriormente, deverá ocorrer a doação definitiva.



títulos digitalizados no conjunto de DVDs. Por estarem inseridas no mesmo conjunto, tivemos a preocupação de diferenciar a mídia que foi digitalizada do VHS para DVD das outras mídias que tem seu original em DVD. Para tal, foi mantido no número de registro o tipo de suporte original (VHS), por exemplo: MA VHS 07.01.01. Os novos títulos em DVD foram inseridos na seqüência das 89 fitas digitalizadas. Portanto, sua numeração se inicia no número 90.

Além da catalogação, registro e identificação de todas as mídias que compõem o acervo audiovisual, a preocupação com sua conservação é um fator preponderante em nossas discussões. Após passar pelo processo de limpeza, o material está temporariamente acondicionado em armários trancados, da melhor maneira possível. Os armários adequados e específicos para mídias já foram adquiridos e estamos aguardando a entrega dos mesmos por parte da indústria fabricante. Entretanto, o local que receberá climatização adequada para se transformar em Reserva Técnica ainda está no aguardo das reformas pelo CEGEF/UFG. Enquanto isso, os procedimentos de limpeza são feitos por meio de um cronograma de revezamento entre os membros da equipe do Setor.

Conclusão

As ações comunicativas em desenvolvimento, bem como as que serão implementadas, refletem o que já havíamos comprovado há muito tempo: a comunicação em museus é uma realidade concreta, a despeito do senso comum e dos que ainda enxergam a comunicação por um viés restrito. As possibilidades são amplas e não descartam um diálogo mais estreito com profissionais da área e, principalmente, com a própria Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da UFG. Haja visto que, um dos papéis do Museu sempre tem sido o de favorecer uma formação mais completa aos alunos desta universidade, além de propiciar o estreitamento dos laços com a comunidade e levar a ela e aos grupos pesquisados os resultados dessas pesquisas; o que, sem dúvida, é facilitado em muito a partir das ações comunicativas.

Outro aspecto que consideramos de grande relevância é a criação, em 2010, do curso de graduação em museologia na UFG. A formação de profissionais nessa área em



Goiás e os contatos dessas pessoas com graduandos e graduados de outras áreas, reforçam a interdisciplinaridade e propiciam a formação de um quadro de pessoal qualificado para os anos futuros.

A complementação das imagens e sons referentes ao acervo da Exposição não contemplados no acervo audiovisual já existente é, também, um aspecto a ressaltar. Hoje, com a aquisição de equipamentos de vídeo, foto e áudio, a própria equipe vem se habilitando em cursos, seminários e encontros, a fim de fazer o registro etnográfico de maneira adequada, bem como realizar os procedimentos de roteirização, seleção e tratamento de imagens e edição desse material.

Há, ainda, a atual ascendência dos estudos voltados para o patrimônio imaterial, bastante intensificados na política patrimonial adotada nos últimos anos pelo IPHAN. Tendo em vista que o suporte para o registro e para os resultados dessas pesquisas, na maioria das vezes, são as mídias visuais e sonoras, vislumbra-se uma considerável ampliação do acervo do Museu Antropológico. Imagens e sons que, entre outros aspectos, podem contribuir para a preservação da memória, auxiliar a consulta por parte do público especializado como documentação de referência para outras pesquisas e servir como fonte de informações para a população em geral, além de despertar no corpo discente da UFG e de outras instituições o interesse por áreas e temáticas de pesquisa possíveis de serem investigadas.

Referências bibliográficas

CABRAL, Magaly. **O Programa Multimídia como Estratégia de Comunicação no Museu Casa de Rui Barbosa** in Anais do IV Seminário de Museus-Casas. Rio de Janeiro, RJ, 2000.

CURY, Marília Xavier. **Exposição: análise metodológica do processo de concepção, montagem e avaliação**. 1999. 134 p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.

CURY, Marília Xavier. **Os Usos que o Público Faz do Museu: a (re)significação da cultura material e do museu**. in Revista Brasileira de Museus e Museologia, IPHAN, RJ, 2004.



FRANCO, Jorge Ferreira et al. **Experiências de Uso de Mídias Interativas como Suporte para Autoria e Construção Colaborativa do Conhecimento** in Revista Novas Tecnologias na Educação. Porto Alegre, RS: CINTED-UFRGS, 2007, vol. 5, nº 1.

HOHLFELDT, Antônio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga (orgs.). **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2001. 4ª Edição.

MUCHACHO, Rute. **Museus virtuais: a importância da usabilidade na mediação entre o público e o objecto museológico**. 2000. (paper) - Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias Departamento de Ciências da Comunicação, Artes e Tecnologias da Informação - 4º SOPCOM. Lisboa, Portugal.

ROQUE, Maria Isabel Rocha. **A Comunicação no Museu**. 1990. 111 p. (Dissertação) - Universidade Lusíada de Lisboa, Portugal.

THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura Moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. 6ª Edição